

## PLANO DE AULA

**FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA**  
**DEPARTAMENTO DE INFÂNCIA E JUVENTUDE**  
**SETOR DE PLANEJAMENTO**  
**PLANO DE AULA N.º 6**  
**1º CICLO DE JUVENTUDE (15 A 17 ANOS)**

**VI UNIDADE: CONDUTA ESPÍRITA – VIVÊNCIA EVANGÉLICA**  
**SUBUNIDADE: CONFLITOS INDIVIDUAIS:**  
 \* SUICÍDIO

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES DO EVANGELIZADOR	ATIVIDADES DO EVANGELIZANDO	TÉCNICAS / RECURSOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>* Analisar causas e consequências do suicídio.</li> <li>* Explicar os meios de evitar o suicídio.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* O suicídio, ato de tirar de si mesmo a vida corpórea, "é sempre uma falta de resignação e submissão à vontade do Criador" (L.E. 953). É um ato estúpido porque a vida é indestrutível.</li> <li>* Causas mais comuns do suicídio: desgosto, revoltas, fuga da vida, esquecimento de Deus.</li> <li>* As consequências são dolorosas: desapontamento, aflições, expiações, sofrimentos, decepções.</li> <li>* Meios para evitar o suicídio: amar a Deus, respeitar e valorizar a Vida, trabalhar no Bem, treinar a fé e esperança; estudar, compreender e praticar o Espiritismo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Iniciar o encontro didático com um diálogo sobre o ato suicida. Anexo 1 - cartaz</li> <li>* A seguir, propor um estudo em grupo sobre o suicídio: causas e consequências.</li> <li>* Dividir a turma em três grupos e utilizar a técnica de <i>Estudo de Caso</i> para realizar a tarefa. Anexo 2</li> <li>* Orientar os estudos e trabalhos, se necessário.</li> <li>* Solicitar a todos que formem um grande círculo.</li> <li>* Convidar os grupos, um de cada vez, a relatar conclusões do estudo e apresentar a dramatização solicitada ao seu grupo.</li> <li>* Acompanhar, atentamente, as exposições dos alunos. Só intervir no final e se houver necessidade de algum esclarecimento.</li> <li>* Terminar o encontro com uma breve exposição sobre as consequências do suicídio. Anexo 3</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Ler a mensagem do cartaz. Dialogar, com o evangelizador e os colegas, sobre a responsabilidade do ato suicida.</li> <li>* Aceitar o convite do evangelizador.</li> <li>* Realizar o <i>Estudo de Caso</i> e os trabalhos solicitados.</li> <li>* Sentar-se em círculo.</li> <li>* Relatar as conclusões.</li> <li>* Realizar as dramatizações.</li> <li>* Acompanhar a Exposição do evangelizador. Fazer perguntas, se tiver dúvidas.</li> </ul>	<p style="text-align: center;"><b>TÉCNICAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Diálogo.</li> <li>* Trabalho em grupo.</li> <li>* Estudo de caso.</li> <li>* Dramatização.</li> <li>* Debates.</li> <li>* Exposição.</li> </ul> <p style="text-align: center;"><b>RECURSOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Cartaz.</li> <li>* Texto xerocopiado.</li> </ul>

**AVALIAÇÃO: O ENCONTRO DIDÁTICO SERÁ CONSIDERADO SATISFATORIO SE OS JOVENS PARTICIPAREM, COM ENTUSIASMO, DAS ATIVIDADES PROPOSTAS E SE APRESENTAREM RESPOSTAS CORRETAS AS QUESTÕES SOLICITADAS.**

## ANEXO 1

VI UNIDADE: CONDUTA ESPÍRITA – VIVÊNCIA EVANGÉLICA  
1º CICLO DE JUVENTUDE  
PLANO DE AULA Nº. 6

### Cartaz

“O suicida é um infrator, dos mais graves, das leis de Deus. A responsabilidade do seu ato é unicamente dele, ou, de algum modo, responsabilidade compartilhada por um obsessor, se este existir, agravando a situação”.

\*\*\*

## ANEXO 2

VI UNIDADE: CONDUTA ESPÍRITA – VIVÊNCIA EVANGÉLICA  
1º CICLO DE JUVENTUDE  
PLANO DE AULA Nº. 6

### Suicídio e Obsessão

Continuando, quanto possível, a série de estudos da mente desencarnada, em posição de sofrimento, além do sepulcro, na noite de 15 de março de 1956 nossos benfeitores espirituais trouxeram à comunicação a jovem Hilda (Espírito), suicida em reajuste, que nos ofertou interessantes apontamentos em torno da sua situação.

Amigos:

Há duas palavras com significação muito diferente na Terra e na Vida Espiritual. Uma delas é “consciência”, a outra é “responsabilidade”.

No plano físico, muitas vezes conseguimos sufocar a primeira e iludir a segunda temporariamente, mas, no campo das Verdades Eternas, não será possível adormecer ou enganar uma e outra.

A consciência revela-nos tais quais somos, seja onde for, e a responsabilidade marca-nos a frente com os nossos merecimentos, culpas ou compromissos.

Enquanto desfrutais o aprendizado na experiência humana, acautelai-vos na conceituação dessas duas forças, porque o pensamento é a energia coagulante de nossas aspirações e desejos.

Por isso, não fugiremos aos resultados da própria ação.

Fala-vos humilde companheira que ainda sofre, depois de aflitiva tragédia no suicídio, alguém que conhece de perto a responsabilidade na queda a que se arrojou, infeliz.

O pensamento delituoso é assim como um fruto apodrecido que colocamos na casa de nossa mente.

De instante a instante, a corrupção se dilata e atraímos em nosso desfavor todos aqueles elementos que se afinam com a nossa invigilância e que se sentem garantidos por nossa incúria, presidindo-nos a perturbação que fatalmente nos arrasta a grande perda.

Obsidiada fui eu, é verdade.

Jovem caprichosa, contrariada em meus impulsos afetivos, acariciei a idéia da fuga, menoscabando todos os favores que a Providência Divina me concedera à estrada primaveril.

Acalentei a idéia do suicídio com volúpia e, com isso, através dela, fortaleci as ligações deploráveis com os desafetos de meu passado, que falava mais alto no presente.

Esqueci-me dos generosos progenitores, a quem devia ternura; dos familiares, junto dos quais me empenhara em abençoadas dívidas de serviço; olvidei meus amigos, cuja simpatia poderia tomar por valioso escudo em minha justa defesa, e desviei-me do campo de sagradas obrigações, ignorando deliberadamente que elas representavam os instrumentos de minha restauração espiritual.

Refletia no suicídio com a expectativa de quem se encaminhava para uma porta libertadora, tentando, inutilmente, fugir de mim mesma.

E, nesse passo desacertado, todas as cadeias do meu pretérito se reconstituíram, religando-me às trevas interiores, até que numa noite de supremos infortúnios empunhei a taça fatídica que me liquidara a existência na carne.

Refiro-me a essa hora terrível e inolvidável, para fortalecer em vosso espírito a responsabilidade do pensamento criado, alimentado, e vivido...

No momento cruel, um raio de luz clareou-me por dentro!...

Eu não deveria morrer assim — comecei a pensar.

Cabia-me guardar nos ombros, por título de glória, a cruz que o Senhor me confiara!...

Imensa repugnância pela deserção, de súbito, iluminou-me a alma; entretanto, na penumbra do quarto, rostos sinistros se materializavam de leve e braços hirsutos me rodeavam.

Vozes inesquecíveis e cavernosas infundiram-me estranho pavor, exclamando: — “É preciso beber.”

A bênção do socorro celeste fora como que abafada por todas as correntes de treva que eu mesma nutrira.

Debalde minha mão trêmula ansiou desfazer-se do líquido fatal.

Esvaíram-se-me as forças.

Senti-me desequilibrada e, embora sustentasse a consciência do meu gesto, sorvi, quase sem querer, a poção com que meu corpo se rendeu ao sepulcro.

Em verdade, eu era obsidiada...

Sofria a perseguição de adversários, residentes na sombra, mas perseguição que eu mesma sustentei com a minha desídia e ociosidade mental.

Corporificara, imprevidente, todas as forças que, na extrema hora, me facilitaram a queda.

Conservando a idéia lamentável, acabei lamentando a minha própria ruína.

Em razão disso, padeci, depois do túmulo, todas as humilhações que podem rebaixar a mulher indefesa...

Agora, que se me refazem as energias, recebi a graça de acordar nos amigos encarnados a noção de “responsabilidade” e “consciência”, no campo das imagens que nós mesmos criamos e alimentamos, serviço esse a que me consagrei, até que o novo estágio entre os homens me imponha a recapitulação total da prova em que vim a desfalecer.

É por essa razão que terminamos as nossas frases despretenciosas, lembrando a vós outros que o pensamento deplorável, na vida íntima, é assim como o detrito que guardamos irrefletidamente em nosso templo doméstico.

Se somos atenciosos para com a higiene exterior, usando desinfetantes e instrumento de limpeza, assegurando a saúde e a tranqüilidade, movimentemos também o trabalho, a bondade e o estudo, contra a dominação do pensamento infeliz, logo que o pensamento infeliz se esboce levemente na tela de nossos desejos imanifestos.

Cumpramos nossas obrigações, visitemos o amigo enfermo, atendamos à criança desventurada, procuremos a execução de nossas tarefas, busquemos o convívio do livro nobre, tentemos a conversação robusta e edificante, refugiemo-nos no santuário da prece e devotemo-nos à felicidade do próximo, instalando-nos sob a tutela do bem e agindo sempre contra o pensamento insensato, porque, através dele, a obsessão se insinua, a perseguição se materializa, e, quando acordarmos, diante da própria responsabilidade, muitas vezes a nossa consciência chora tarde demais. <sup>(1)</sup>

Hilda



<sup>(1)</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Diversos Espíritos. Vozes do Grande Além*. FEB: Rio de Janeiro, 1974. p. 163-166.

Roteiro dos trabalhos em grupo:

- 1) Ler, atentamente, o relato de Hilda.
- 2) Refletir sobre o trecho lido e responder às seguintes questões:

### **GRUPO nº 1**

- a) Quais foram a causa ou as causas (ou motivos) que levaram Hilda a cometer o suicídio?
- b) Como Hilda poderia enfrentar, de uma forma mais saudável, mais cristã, esses motivos? Citem esses meios.
- c) Procurem dramatizar (representar) um dos meios citados na pergunta anterior.

### **GRUPO nº 2**

- a) Hilda afirma que era obsidiada e que as “vozes inesquecíveis e cavernosas” a induziram ao suicídio.

Seria possível Hilda resistir ao comando dessas vozes? Como? Cite o meio ou os meios possíveis para que Hilda não obedecesse às vozes que a obsidiavam.

- b) Procurem dramatizar (representar) um dos meios escolhidos na resposta à pergunta anterior.

### **GRUPO nº 3**

- a) Quais foram as conseqüências que Hilda sofreu em função do suicídio?
- b) Quais as recomendações de Hilda para desenvolvermos consciência e responsabilidade?
- c) Procurem dramatizar (representar) uma das recomendações de Hilda.

## ANEXO 3

VI UNIDADE: CONDUTA ESPÍRITA – VIVÊNCIA EVANGÉLICA  
1º CICLO DE JUVENTUDE  
PLANO DE AULA Nº. 6

### SUBSÍDIOS PARA O EVANGELIZADOR

#### Suicídio

957. *Quais, em geral, com relação ao estado do Espírito, as conseqüências do suicídio?*

“Muito diversas são as conseqüências do suicídio. Não há penas determinadas e, em todos os casos, correspondem sempre às causas que o produziram. Há, porém, uma conseqüência a que o suicida não pode escapar; é o *desapontamento*. Mas, a sorte não é a mesma para todos; depende das circunstâncias. Alguns expiam a falta imediatamente, outros em nova existência, que será pior do que àquela cujo curso interromperam.”

A observação, realmente, mostra que os efeitos do suicídio não são idênticos. Alguns há, porém, comuns a todos os casos de morte violenta e que são a conseqüência da interrupção brusca da vida. Há, primeiro, a persistência mais prolongada e tenaz do laço na plenitude da sua força no momento em que é partido, ao passo que, no caso de morte natural, ele se enfraquece gradualmente e muitas vezes se desfaz antes que a vida se haja extinguido completamente. As conseqüências deste estado de coisas são o prolongamento da perturbação espiritual, seguindo-se à ilusão em que, durante mais ou menos tempo, o Espírito se conserva de que ainda pertence ao número dos vivos. (155 e 165)

A afinidade que permanece entre o Espírito e o corpo produz, nalguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo no Espírito, que, assim, a seu mau grado, sente os efeitos da decomposição, donde lhe resulta uma sensação cheia de angústias e de horror, estado esse que também pode durar pelo tempo que devia durar a vida que sofreu interrupção. Não é geral este efeito; mas, em caso algum, o suicida fica isento das conseqüências da sua falta de coragem e, cedo ou tarde, expia, de um modo ou de outro, a culpa em que incorreu. Assim é que certos Espíritos, que foram muito desgraçados na terra, disseram ter-se suicidado na existência precedente e submetido voluntariamente a novas provas, para tentarem suportá-las com mais resignação. Em alguns, verifica-se uma espécie de ligação à matéria, de que inutilmente procuram desembaraçar-se, a fim de voarem para mundos melhores, cujo acesso, porém, se lhes conserva interdito. A maior parte deles sofre o pesar de haver feito uma coisa inútil, pois que só decepções encontram.

A religião, a moral, todas as filosofias condenam o suicídio como contrário às leis da Natureza. Todas nos dizem, em princípio, que ninguém tem o direito de abreviar voluntariamente a vida. Entretanto, por que não se tem esse direito? Por que não é livre o homem de pôr termo aos seus sofrimentos? Ao Espiritismo estava reservado demonstrar, pelo exemplo dos que sucumbiram, que o suicídio não é uma falta, somente por constituir infração de uma lei moral, consideração de pouco peso para certos indivíduos, mas também um ato estúpido, pois que nada ganha quem o pratica, antes o contrário é que se dá, como no-lo ensinam, não a teria, porém os fatos que ele nos põe sob as vistas.<sup>(1)</sup>



---

<sup>(1)</sup> KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro, 1998. p. 443-444.

## Suicídio

J. D. Innocência

(...) É assunto que interessa a todos, pois provam os registros oficiais não haver classe social, raça, grau de inteligência, cor, doutrina, etc., cujos componentes sejam imunes a ele. No Brasil calcula-se que em cada 10.000 óbitos um é por suicídio!

Que o suicídio não é ato de heroísmo, nem de gesto de covardia, mas de ignorância das Leis a que todos estamos sujeitos, é o que focalizaremos.

Começemos por analisar, sucintamente, o que oferecem às criaturas as alternativas doutrinárias.

O materialismo, afirmando ser a inteligência humana atributo da matéria, que nasce e morre com o organismo, e o panteísmo, pregando que o princípio inteligente, embora independente da matéria, só se individualiza durante a vida corporal, nada oferecem ao indivíduo que o fortaleça, pois nada ser ou não ter individualidade, são, na prática, a mesma coisa.

O deísmo, aceitando Deus como Criador, negando-Lhe a intervenção providencial, podendo cada um fazer o que bem entender, tira à criatura o apoio espiritual e engrossa a fileira dos descrentes materialistas e panteístas.

O dogmatismo, impondo, pela fé cega, a idéia de que a alma, embora independente da matéria, é criada no momento do nascimento do corpo físico; que embora sobrevivendo à morte física e conservando a individualidade, tem a sorte fixada para sempre, não dá ao sofredor uma esperança de melhora e aumenta, em consequência, o número dos descrentes na Justiça Divina.

Finalmente, o Espiritismo, lembrando os ensinamentos de Jesus, escoimando-os do dogmatismo religioso e científico que enceguece e fanatiza, orientando as experiências que comprovam e esclarecem, levando à extinção da hipocrisia e da descrença, revive para a Humanidade a verdade de que o Espírito independe da matéria, preexiste e sobrevive à morte física; que o ponto de partida — simples e ignorante —, é igual para todos, sem exceção, estando todos sujeitos à lei do progresso infinito; exalta a Justiça Divina e demonstra que incorrer no suicídio é aumentar os sofrimentos de que se quer fugir ou afastar, ainda mais, do que se pretende aproximar.

Embora seja comum no Oriente a ocorrência de suicídios de fanáticos que pretendem alcançar o céu mais depressa, no resto do Planeta sua causa principal é a inconformação com as vicissitudes da vida, tais como: falta de fé, esgotamento nervoso, orgulho ferido, desgostos íntimos, tédio, loucura. De qualquer forma, porém, é a ignorância das Leis Divinas que leva ao suicídio, a começar pela falta de conhecimento a respeito da própria constituição humana.

A criatura humana é composta de três elementos: Espírito, perispírito e corpo físico e, após a morte do último, continua vivendo — a verdadeira vida — com os dois primeiros elementos, que são eternos e sujeitos à lei do progresso infinito. Como decorrencia do que acabamos de escrever, somos Espíritos reencarnados e não, como dizem muitos, possuidores de espírito, tomando, assim, o acessório pelo principal.

Partindo do simples exemplo do interruptor que comanda, do fio que transmite, da lâmpada que ilumina, fácil é compreender que sendo impossível extinguir a vida, não é possível aniquilar o corpo físico sem lesar, simultaneamente, o perispírito e sem que fique registrado na consciência imortal o crime praticado.

Todos os suicidas, sem exceção, lamentam o erro praticado e são acordes na informação de que só a prece alivia os sofrimentos em que se encontram e que lhes pareciam eternos. (...) (7)



## Suicídio

Gebaldo José de Sousa

*“Qual o primeiro de todos os direitos naturais do homem?*

*O de viver. Por isso é que ninguém tem o de atentar contra a vida de seu semelhante, nem de fazer o que quer que possa comprometer-lhe a existência corporal.”<sup>1</sup>*

Se o homem não tem o direito de atentar contra a vida do próximo, mas o dever de amá-lo “como a si mesmo”, muito menos tem o de eliminar a própria vida. Sobretudo para ser fiel ao quinto Mandamentos, que preceitua: “não matarás”!

Em seu desequilíbrio, ignoram os suicidas que não há mal que o tempo não cure. E acolhem obsessores cruéis, implacáveis, que os induzem à queda e, pouco a pouco, os submetem à sua vontade doentia, rancorosa.

Não meditam sobre a dor que seu gesto extremo causará naqueles que os amam, não levam em conta seus desdobramentos sobre os que ficam e que são outras tantas vítimas de seu ato impensado: familiares e amigos, dos dois planos da Vida. Só tardiamente lamentam esse esquecimento.

Bem podemos imaginar quão pungentes dores advêm para essas almas, quando sensíveis e amorosas: para os corações das mães, dos pais; esposos, filhos, irmãs, irmãos, ou dos diletos amigos! É dor amarga, atroz, de todos os momentos, que só o tempo, a prece, a prática do bem e a ação de Espíritos nobres conseguem suavizar.

A Doutrina Espírita é, também para eles, farta em consolações, indicando meios que aliviam sofrimentos, abreviam provas, asserenam as almas dos que foram e dos que ficaram. Todos eles podem, “aviando as receitas” que a Doutrina do Amor prescreve, ajudar-se eliminando do coração, da mente, a angústia; e amparar os que partiram.

Abre ela os caminhos à fé e à misericórdia infinita de Deus, pela oração sincera e a prática do bem incessante — enfim, da Caridade, melhor prece que se eleva da Terra aos Céus!

Consola saber que a doce mãe de Jesus é o Espírito sublime que se compadece dos suicidas e lhes estende as mãos; que a “Legião dos Servos de Maria” socorre os Espíritos enfermos que partiram voluntariamente da Terra, conduzindo-os ao “Hospital Maria de Nazaré”, onde são medicados, reeducados e preparados para reencarnações reparadoras! É o que nos informa o Espírito Camilo Cândido Botelho, pela médium Yvonne A. Pereira, no livro “Memórias de um Suicida.”<sup>2</sup>



A agressão ao corpo físico lesa também o corpo espiritual, denominado pelo Apóstolo Paulo de “corpo celestial” (I, Cor. 15-40), que Allan Kardec chamou de perispírito. É ele a matriz que vai registrar, nos corpos das encarnações subsequentes, o resultado dessas lesões, na forma de enfermidades dificilmente curáveis. É preço a pagar pela rebeldia aos desígnios celestes, pelo mau uso do livre-arbítrio.

No livro “Religião dos Espíritos”<sup>3</sup>, Emmanuel, comentando no capítulo *Suicídio* a questão 957 de “O Livro dos Espíritos”, assinala que “os resultados (dos suicídios) não se circunscrevem aos fenômenos de sofrimento íntimo, porque surgem os desequilíbrios (...) com impositivos de reajuste em existências próximas.” E relaciona enfermidades que, como consequência do suicídio, a Lei impõe aos rebeldes. Convém-nos conhecer na íntegra esse capítulo.

Quem lê os livros assinalados ou a obra “O Céu e o Inferno”<sup>4</sup> (no Cap. V da 2ª Parte há depoimentos de Espíritos suicidas, comentados por Kardec), ou, ainda, “O Livro dos Espíritos”, sobretudo as questões de números 943 a 957, jamais pensará em atentar contra a própria vida. Ao contrário, passará a oferecer preces e a praticar o bem, em favor daqueles que caíram nesse abismo profundo.

Se a muitos assusta a revelação dos sofrimentos atrozés por que passam os suicidas, não apenas no plano espiritual, mas nas reencarnações reparadoras, especialmente àqueles que, ingenuamente, alimentam a ilusão de que o perdão de Deus tudo suprime de forma mágica, instantânea, também nos conscientiza, a todos, do dever que nos cabe de valorizar o corpo de carne, de evitar o suicídio, divulgando a Verdade, consolando e encorajando os aflitos, salientando o valor da prece como sustentáculo nas provas ou como recurso e lenitivo intercessório, em favor dos que caíram, consumando o ato trágico, doloroso.

Os Espíritos nos advertem das provações a que são conduzidos os que, frágeis, tentam fugir da vida. Mas Deus sempre nos dá os meios de superar dificuldades, por maiores sejam elas. Se, extraordinários esses sofrimentos, maior ainda é o amor de Deus, que renova a todos oportunidades de reconstrução do equilíbrio.

Alexandre<sup>5</sup>, Espírito consolando um suicida, afirma-lhe:

*“— Nos maiores abismos, Raul, há sempre lugar para esperança. Não se deixe dominar pela idéia da impossibilidade. Pense na renovação de sua oportunidade, medite na grandeza de Deus, transforme o remorso em propósito de regeneração.”*

Tenhamos bom ânimo. Se essas idéias nos vierem à mente; ou se familiar ou amigo partiu da Terra por esse meio, que não elimina, a vida, mas acarreta dores atrozés e o submete a provas superiores àquelas de que tanta fugir, recorramos à oração sincera e à prática do bem.

Devemos aprender a confiar, agindo, orando, amando, renunciando, abatendo o orgulho, aceitando a pobreza; se perdemos a fortuna, ou a pessoa amada, por morte, abandono, ou outro motivo; submetendo-nos às provações, que breve passam, todas as circunstâncias se modificam. No próximo minuto ou no amanhã, surgem oportunidades para superar obstáculos aparentemente intransponíveis e as rudes provas. Confiar, fazendo o melhor de nós.

Devemos orar pelos suicidas, e por outros sofredores, compadecendo-nos de suas dores, sem condená-los. É o que nos diz o amoroso mentor Emmanuel, na obra “Escrínio de luz”<sup>6</sup>, estimulando-nos, encorajando-nos a superar provas, que são “material educativo do templo em que nos asilamos.”

Esclarece J. D. Innocência:

*“Todos os suicidas, sem exceção, lamentam o erro praticado e são acordes na informação de que só a prece alivia os sofrimentos em que se encontram e que lhes pareciam eternos.”*<sup>7</sup>

A prece é instrumento que atrai bálsamos celestes, que descem dos Céus à Terra, aliviando, lenindo dores! A prece e a fé são alavancas que alevantam os caídos nos caminhos da evolução. Recorram, pois, aqueles que sofrem esse drama, à prece e, sobretudo, à amorosa intercessão da Mãe Celestial!

Exorta o Espírito Santo Agostinho:

*“(...) O Se soubésseis quão grande bem faz a fé ao coração e como induz a alma ao arrependimento e à prece! A prece! ah! como são tocantes as palavras que saem da boca daquele que ora! A prece é o orvalho divino que aplaca o calor excessivo das paixões. Filha primogênita da fé, ela nos encaminha para a senda que conduz a Deus. (...)”*<sup>8</sup>

Há religiões, em oposição a tudo aquilo que nos recomenda a Doutrina de Jesus, que negam a prece aos “mortos” — eis que, conforme ensinam, selada está para sempre a sua sorte: esquecidas de que a misericórdia do Pai estimula a fraternidade e se compadece dos caídos e os busca, para os levantar; outras se recusam a orar pelos suicidas — sofredores dos mais necessitados e aos quais a prece alivia — ou, mesmo a sepultá-los no “campo santo”, como se houvesse no Universo região que não seja obra do Pai de Amor e, portanto, sagrada.

A Doutrina Espírita esclarece as mentes e evita o suicídio, além de contribuir para a recuperação do equilíbrio tanto daqueles que estão com a idéia de tentar fugir à vida, quanto daqueles que realizaram esse ato dramático, além de consolar as “vítimas” que ficaram: parentes e amigos.

Conhecê-la, estudá-la, divulgar seus ensinamentos, é forma eficaz de se evitar suicídios; de orientar e consolar familiares e amigos; pois fala aos corações com o depoimento vivo dos que tentaram fugir de problemas, mergulhando em dores inimagináveis, assim como daquilo que os alivia e favorece: a prece.

Em nenhuma hipótese se justifica o gesto tresloucado de atentar contra a própria vida. Só a ignorância, a falta de fé em Deus, na Sua bondade, podem levar a criatura a se rebelar contra Seus desígnios.

Espíritos superiores destacam a importância de nos submetemos à soberana vontade do Pai, que a todos nos ama e nos conduz às provas necessárias à nossa evolução. Cumpre-nos, pois, preservar o corpo, instrumento indispensável ao progresso por que todos anelamos, atentos às palavras de Emmanuel:

*“A bênção de um corpo, ainda que mutilado ou disforme, na Terra, é como preciosa oportunidade espiritual, o maior de todos os dons que o nosso Planeta pode oferecer.”*<sup>9</sup>

## Referências Bibliográficas

1. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 78. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997. 494p. p. 406: Parte 3ª, Cap. 11, q. 880.
2. PEREIRA, Yvonne. A. *Memórias de um Suicida*. 19. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997. 568p.
3. XAVIER, Francisco Cândido. *Religião dos Espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, 255p. pp 118-119.
4. KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*. 41. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997. 425p. pp. 295-327: 2ª Parte, Cap. 5.
5. XAVIER, Francisco Cândido. *Missionários da Luz*. Pelo Espírito André Luiz. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997. 374p. pp. 144-145: Cap. 11.
6. \_\_\_\_\_. *Escrínio de Luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 2. ed. Matão: Casa Editora O Clarim, 1982. 220p. pp. 157-158.
7. INNOCÊNCIO, J. D. *Suicídio*. Reformador, Rio de Janeiro, v. 112, n. 1988, p. 332, nov. 1994.
8. KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 113. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997. 435p. p. 383: Cap. 27, item 23, mensagem transmitida em Paris (1861).
9. XAVIER, Francisco Cândido. *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. Cap. III — *O Santuário Sublime*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994. 170p. p. 21.